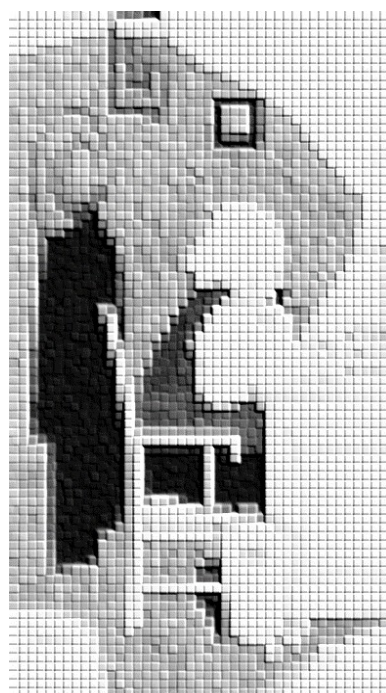


SEÇÃO PRELIMINAR

CONHECENDO KARL MARX: UMA INTRODUÇÃO

PENSAMENTO POLÍTICO-IDEOLÓGICO

ARTIGO EXPOSITIVO
DO
**MANIFESTO DO
PARTIDO COMUNISTA**



ARTIGO EXPOSITIVO DO MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA¹



O *Manifesto* é uma publicação política redigida por **Karl Heinrich Marx** e **Friedrich Engels**², lançada na Inglaterra (Londres) em 21 de fevereiro de 1848, algumas semanas antes das Revoluções de 1848 (“A Primavera dos Povos”)³. O *Manifesto Comunista* (como também é conhecido) é considerado, historicamente, um dos **tratados políticos** de maior influência mundial⁴.

- 1 Autor do texto: Rui Eduardo Silva de Oliveira Pamplona, bacharel em Ciências Econômicas e Direito; pós-graduado em MBA Agronegócio, MBA Executivo em Gestão Financeira e Especialização em Direito.
A imagem exibida na primeira página deste texto reproduz a gravura de capa do livro *Grundrisse*, da autoria de Karl Marx, publicado no Brasil pela Boitempo Editorial em 2011 (Disponível em <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/grundrisse-311>. Visto em 20.04.2020).
Já a imagem da capa da primeira edição do *Manifesto*, de 1848, exibida nesta página, foi extraída do site https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. Consultado em 20.07.2020.
Para a elaboração do presente artigo expositivo foi utilizado um exemplar da edição do **Manifesto do Partido Comunista** da Editora Martin Claret. São Paulo-SP. Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.
Por oportuno, aproveitando o ensejo desta primeira Nota, pomos mais uma consideração. Em vista do uso corriqueiro na literatura sobre Karl Marx de expressões derivadas do seu nome, como “marxiano(a)” e “marxista”, para identificar o interlocutor a que se referem, o que aqui não será diferente, vale mencionar os critérios que utilizaremos para também empregá-las neste texto. O termo “marxiano(a)” será adotado para fazermos referência aos escritos e pensamento do próprio Marx. Já o vocábulo “marxista” será tomado quando da menção àqueles que buscam interpretar, não sem divergências entre si, o amplo campo do pensamento sociológico, econômico, político e filosófico de Marx e sua análise metodológica desses aspectos, na defesa de uma prática política transformadora e revolucionária da sociedade; que, em seu conjunto, se denomina “marxismo”.
- 2 Friedrich Engels (1820-1895) foi um filósofo socialista alemão, filho de um industrial têxtil também alemão “que pretendia fazê-lo seguir a carreira dos negócios e, por isso, o afastara do curso universitário, tendo concluído sua formação como aluno ouvinte em cursos livres, sendo um incansável autodidata”. Na Inglaterra, onde esteve a serviço do pai nas indústrias da família, Engels, embora oriundo de uma família burguesa, entrou em contato com militantes operários do [movimento cartista](#), aproximando-se do socialismo e da economia política. Foi o grande amigo de Marx, seu colaborador e coautor em várias obras, sendo que a mais conhecida é o *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848, ora em exposição, onde consta uma breve apresentação de uma nova concepção da história, ilustrada pela frase “A história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história da luta de classes”. Engels foi também parceiro de Karl Marx na elaboração do método *materialista histórico e dialético*, bem como da denominada doutrina do “socialismo ‘científico’” (de cujos constructos tratamos em dois textos da nossa autoria, disponibilizados na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, deste [Blog](#)). Igualmente ajudou a publicar, após a morte do amigo, os Livros II (*O processo de circulação do capital*) e III (*O processo global da produção capitalista*), ambos de *O capital*, além de organizar as notas econômicas produzidas por Marx entre os anos de 1861 e 1863 que resultaram no Livro IV (*Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico*), publicado em 1905, último volume da obra maior marxiana. Para além dessa parceria, o trabalho literário individual de Friedrich Engels merece destaque pela “profunda análise social” que contém. Entre suas principais obras *solo* estão: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*; *Ludwig Feuerbach e o fim da Filosofia Clássica Alemã*; *Revolução de Herr Eugen Dühring na Ciência*; *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*; *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* e também a obra *Dialética da natureza* (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels. Consultado em 01.04.2020).
Sobre a vida e pensamento de Friedrich Engels, recomendamos o vídeo **A relevância e atualidade do pensamento de Engels**, com o professor José Paulo Netto, disponível no canal da TV Boitempo Editorial, no endereço virtual <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg> (visto em 23.11.2020), bem assim os livros biográficos **Friedrich Engels: Uma biografia** (autor: Gustav Mayer), **Comunista de Casaca: a vida revolucionária de F. Engels** (autor: Tristram Hunt) e **Engels, O Segundo Violino** (autor: Osvaldo Coggiola).
- 3 No que se refere ao episódio das *Revoluções de 1848* (ou “Primavera dos Povos”), do qual Marx e Engels participaram ativamente, é possível considerá-lo como mais um exemplo do rol das denominadas “Revoluções Burguesas” (movimentos sociopolíticos ocorridos no mundo entre 1640 e 1850 contra o domínio econômico e político da nobreza e a favor da proeminência dos interesses econômicos e políticos da burguesia, sobre os quais dedicamos uma Nota específica mais à frente). Muito embora não seja um exemplo clássico dessas revoluções, em vista da pluralidade de interesses e reivindicações envolvidas no bojo dos movimentos revolucionários de 1848, sobretudo o seu forte viés popular, a burguesia liberal ajudou a desencadeá-los, buscando dar continuidade aos seus planos de “destronar” de vez os regimes monárquicos absolutistas e aristocráticos europeus. Porém, dado os rumos que essas revoluções tomavam, a burguesia

Elaborado por encomenda da **Liga dos Comunistas**⁵, o *Manifesto*, que tem como marco teórico a doutrina marxiana/engeliana do **Socialismo “Científico”**⁶, expressa o programa e propósitos daquela organização⁷.

No preâmbulo da edição inaugural de 1848, Marx e Engels inscrevem a frase de abertura do *Manifesto do Partido Comunista*: “Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo”. Com este introito expressam a necessidade de os comunistas mostrarem “abertamente, ao mundo inteiro, seu modo de ver, seus objetivos, suas tendências, opondo à lenda do espectro do comunismo um manifesto do próprio partido”.⁸

No Capítulo I – “Burgueses e proletários” –, os dois filósofos revolucionários alemães fazem uma análise histórica das sociedades, pós-sociedade primitiva, sob a ótica da

logo percebeu que o fortalecimento das massas era mais perigoso do que a ameaça representada pelo absolutismo ainda presente. Nesse sentido, a denominada “Primavera dos Povos”, foi, portanto, um conjunto de revoluções ocorridas em parte da Europa que eclodiu “em função de regimes governamentais autocráticos, de crises econômicas, do aumento da crise financeira, da falta de representação política das classes médias e do nacionalismo despertado na região, abalando as monarquias europeias onde tinham fracassado as tentativas de reformas políticas e econômicas. Os levantes foram liderados por uma mistura de reformadores [burgueses liberais e pequenos burgueses], membros da classe média e trabalhadores [grande parte ligada a correntes socialistas e comunistas, como a *Liga dos Comunistas*]^[veja Nota adiante], que não se mantiveram unidos por muito tempo”. Os movimentos de 1848, “de caráter nacionalista, liberal, socialista e democrático, foi a onda revolucionária mais abrangente do continente europeu. Não obstante, em menos de um ano, forças reacionárias retomaram o controle e a revolução em cada nação foi dissipada. Em 1849, forças contrarrevolucionárias restauraram a ordem, mas a monarquia absolutista e os direitos feudais da aristocracia fundiária haviam sido tacitamente abandonados em boa parte da Europa, especialmente na França com a implantação da [Segunda República](#). Com o ‘restabelecimento’ da ordem, a burguesia, percebendo os perigos das revoluções, tomou consciência de que seus anseios políticos poderiam ser alcançados pela via do sufrágio universal, evitando conflitos e sublevações dos trabalhadores. Tal fato acabou por posicionar definitivamente a burguesia e o proletariado em campos opostos, o que marcaria profundamente os embates políticos vindouros” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848. Consultado em 24.04.2020).

Por meio do jornal que fundaram em Colônia, na [Prússia](#) (atual Alemanha), a *Nova Gazeta Renana* (*Neue Rheinische Zeitung*), que circulou entre 1º de junho de 1848 até 19 de maio de 1849, cujo nome fazia referência ao jornal *Gazeta Renana* anterior (1842), Marx e Engels participaram ativamente da “Primavera dos Povos”, defendendo, conforme afirma Jacob Gorender, “a perspectiva proletária socialista no decorrer dessas revoluções democrático-burguesas” (in MARX, Karl Heinrich. **O capital**. Livro I. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017, p. 24 (Apresentação)).

- 4 Nesse sentido, a escolha dessa obra conjunta de Marx e Engels para também representar o pensamento político-ideológico dos dois filósofos revolucionários alemães na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, deste Blog, deve-se à sua relevância como tratado político de envergadura mundial, lido até os dias de hoje, como também ao fato de revelar como marco teórico a doutrina marxiana/engeliana do *Socialismo “Científico”*, além de ter sido o anúncio público e explícito, pela primeira vez na história, do que seria o programa de um partido comunista.
- 5 A *Liga dos Comunistas*, uma sociedade secreta criada na França em 1847, foi uma associação de trabalhadores originada da *Liga dos Justos*. A Liga dos Justos era uma organização política fundada em Paris (1836), composta inicialmente por imigrantes alemães e depois por trabalhadores de vários países, cujo objetivo era estabelecer uma “República Social” na Prússia que tivesse como princípios a “[liberdade](#), a [igualdade](#) e a [virtude cívica](#)”, os “ideais de amor ao próximo, igualdade e justiça”. Suas ideias eram compartilhadas com o socialismo “utópico” de [Saint-Simon](#) (1760-1825), [Charles Fourier](#) (1772-1837) e [Robert Owen](#) (1771-1858). Porém, nos anos 40, os dirigentes da Liga adotaram a ideia do socialismo “científico” de Marx e Engels e, no início de 1847, estes dois filósofos ingressam na organização. Com a presença de Engels foi referendada a conversão da Liga dos Justos em Liga dos Comunistas. Em outubro de 1847, em Paris, Engels e Marx redigem os princípios do comunismo que serviriam de base para a elaboração do *Manifesto do Partido Comunista*. O *Manifesto* foi encomendado pela nova Liga, “primeira organização socialista a contar com a participação e liderança política direta de Marx e Engels”. A Liga dos Comunistas, sob a liderança dos dois, atuou na revolução europeia de 1848, cuja intenção da organização de tomada do poder pelos comunistas terminou fracassada, como vimos em Nota precedente. Em 1850, o espião prussiano Wilhelm Stieber localizou o registro dos membros da organização e o furtou, sendo vários integrantes presos e expulsos da Alemanha, entre estes últimos Marx. Em 1852, a Liga dos Comunistas foi encerrada por discórdia entre os membros (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas. Consultado em 07.05.2020).
- 6 Conforme abordamos no texto antecedente ao presente artigo, na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, deste [Blog](#), o socialismo “científico” é uma doutrina sociopolítica criada por Marx e Engels que pensa a sociedade de forma crítica, a partir de um método e, por conseguinte, de uma análise científica de dada organização socioeconômica, no caso, o modo de produção capitalista, cujo resultado é o “encaminhamento para a construção de uma sociedade igualitária, que o supere. Essa corrente teórica do socialismo surge no século XIX, no contexto da [Segunda Revolução Industrial](#)” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_científico. Consultado em 07.05.2020).

divisão social em classes, e, por conseguinte, do antagonismo entre elas – a **luta de classes** –, até aportarem na sociedade moderna, onde abordam o surgimento e desenvolvimento do modo de produção capitalista – o **capitalismo** –⁹, e, consequentemente, da **sociedade burguesa** proprietária do **capital**, inserindo neste contexto a classe antagonista – o **proletariado**^{10 11}.

Sendo “ora disfarçado, ora aberto”, Marx e Engels observam que o conflito entre classes “terminou sempre ou com uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou com o declínio comum das classes em luta”.

Os referidos autores, no primeiro capítulo, distinguem as várias formas de opressão social durante os séculos e situam a burguesia moderna como a nova classe opressora. Dizem eles: “A história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história de lutas de classes”. Foi assim no **sistema de produção asiático** (forma mais geral de evolução econômico-social pós-comunidade primitiva): imperador, rei ou faraó, nobres, sacerdotes e guerreiros versus camponeses servos e escravos; no **sistema escravista** (Roma antiga): patrícios e clientes versus plebeus e escravos; e no **sistema feudal** (Idade Média): senhores feudais ou suseranos, clero, nobreza e homens livres versus vassallos, servos e súditos¹².

Com a superação do modo de produção feudal, a partir, das denominadas “Revoluções Burguesas”, com destaque para a Revolução Gloriosa Inglesa (1688) e para a Revolução Francesa (1789)¹³, a sociedade burguesa moderna, que surgiu do declínio da

7 Conforme Eric Hobsbawm, embora o título do *Manifesto* se refira ao “Partido Comunista”, a Liga dos Comunistas “nunca chegou a ser um partido político”, pelo menos sob o aspecto formal, digo eu. De acordo com Hobsbawm, “ao longo da história, os partidos de formação trabalhistas utilizaram o *Manifesto* como um catecismo de formação política de seus militantes, mas nunca assumiram a alcunha de partido comunista, até o advento da [revolução socialista bolchevique russa de 1917](#)” (in MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Op. cit., p. 13).

8 Idem, p. 43.

9 A categoria citada no parágrafo em Nota, *modo de produção capitalista* (ou *economia capitalista* ou, ainda, *capitalismo*), como se verá ao longo do nosso projeto de leitura, “é uma forma de organização socioeconômica baseada na [propriedade privada](#) dos [meios de produção](#), em uma [economia de mercado](#) e na sua operação para [fins lucrativos](#)” (grifo nosso). Desse conceito derivam as suas características centrais: [acumulação de capital](#), [trabalho assalariado](#), [sistema de preços](#) e [mercados competitivos](#). Karl Marx é considerado o seu maior crítico, “seja sob o ponto de vista da Filosofia Política, da Economia e da Sociologia, seja sob o prisma da Ciência Política” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>. Consultado em 01.04.2020).

Em nosso texto “Arrazoado e sinopse de *O capital*”, que publicamos na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução* (item *Pensamento econômico*), deste Blog, muito embora a título de considerações iniciais, apresentamos a conceituação de *capitalismo*, passando pela definição de *economia política*, *modo de produção*, *capital* e outras categorias econômicas presentes na obra magna marxiana da crítica da economia política, *O capital*.

10 Das categorias político-sociais fundamentais para o ideário revolucionário marxiano, presentes no parágrafo em Nota (burguesia, proletariado etc.), tratamos na já mencionada *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, item *O universo marxiano, principais conceitos*, deste Blog, no texto da nossa autoria intitulado “Burguesia, Proletariado, Luta de classes e Ditadura do proletariado”.

11 MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Op. cit., p. 45-57. Os parágrafos seguintes foram redigidos com base na obra e páginas referenciadas.

12 Sobre os sistemas mencionados no parágrafo em Nota, veja [sistema asiático](#), [sistema escravista romano](#) e [sistema feudal](#).

13 As *revoluções da burguesia*, ou *revoluções burguesas*, foram movimentos sociopolíticos ocorridos, sobretudo, na Europa, entre 1640 e 1850, cuja consequência fez com que “a sociedade aristocrática, caracterizada pela [monarquia absoluta](#) e pelos [títulos de nobreza](#)” fosse superada por uma “sociedade capitalista dominada pela [produção mercantil liberal](#)”. Os movimentos sociais da época moderna, “especialmente aqueles relacionados à [Reforma Protestante](#) (século XVI), podem ser entendidos como um início da revolução burguesa”. Os exemplos clássicos dessas revoluções, inclusive violentas, são as [Revoluções Inglesas](#) (1642/48) e a [Revolução Francesa](#) (1789), nas quais “os mecanismos políticos, jurídicos e ideológicos de ambas garantiram, à burguesia, o desenvolvimento das relações capitalistas de produção e o exercício da dominação social e da hegemonia política sobre os demais segmentos da sociedade contemporânea”. Outro exemplo, também reconhecido como integrante do que se chamou “revoluções da burguesia”, foi a [Revolução Gloriosa Inglesa](#) (1688), um acontecimento, em grande parte não violento, que pôs fim ao [absolutismo](#) britânico, aumentou o poder do parlamento e trouxe a estabilidade política e econômica necessária para a consolidação dos interesses burgueses, sendo considerada por vários historiadores como “um acontecimento indispensável” para a ocorrência, anos depois (1760), da [Revolução Industrial](#). Igualmente se insere no contexto das revoluções burguesas, na Europa, a [Revolução de 1820](#), a

sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes; estabeleceu novas classes e novas condições de opressão. Essa época caracteriza-se pela simplificação dos antagonismos em dois grandes campos hostis: o da **burguesia** e o do **proletariado**.

Não deixando de destacar o “papel extremamente revolucionário” da burguesia, aqueles filósofos expõem que a classe burguesa é produto de um longo processo de desenvolvimento e de uma série de revoluções no modo de produção e de trocas ao longo da história: a começar da Idade Média, com a superação do sistema feudal, passando pela descoberta das Américas e pela circunavegação da África, bem assim pelo mercado das Índias Orientais e da China, até o advento da revolução industrial e o estabelecimento do mercado mundial moderno. A revolução industrial e a afirmação do mercado global moderno culminaram na consolidação e desenvolvimento da sociedade burguesa e, por conseguinte, do **modo de produção capitalista**.

Apontam eles que a burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção e, por conseguinte, as relações de produção, portanto, todo o conjunto das relações sociais. O contínuo revolucionar, o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação permanentes distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações fixas e cristalizadas anteriormente foram dissolvidas e as novas envelhecem antes mesmo de se consolidarem: “tudo que é sólido se desmancha no ar”, anotam os filósofos revolucionários alemães.

Ademais, cada uma das etapas de transformação dos modos de produção foi acompanhada por um **progresso político** correspondente, e com a etapa burguesa não foi diferente: “o poder político do Estado moderno nada mais é do que um comitê para administrar os negócios comuns de toda a classe burguesa”, ressaltam.

Quando, com o advento da Revolução Francesa, se destruiu o poder monárquico e religioso, valorizando a liberdade, principalmente econômica, Marx e Engels denunciam que, a partir daí, o foco dado pela nova ordem ao aspecto monetário em detrimento das relações pessoais e sociais considera o operário como uma simples “**peça de trabalho**”. Este último aspecto, aliado com recursos de aceleração da produção (tecnologia e divisão do trabalho), em suas visões, contribuiu para a **miserabilidade e coisificação do trabalhador**.

Observam, ainda, que “na mesma proporção em que se desenvolve a burguesia, ou seja, o capitalismo, desenvolve-se, também, o proletariado, a classe dos operários modernos, que vivem apenas na medida em que encontram trabalho e que só encontram trabalho na medida em que o seu trabalho aumente o capital”, sendo, pois, a força de trabalho, “**mercadoria**”¹⁴.

[Revolução de 1830](#) e a Revolução de 1848^[sobre a qual tratamos em Nota anterior], e, fora do continente, a [Independência da América Espanhola](#) (1808) (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_burguesas. Consultado em 03.05.2020). A esse rol podemos acrescentar a [Revolução Americana](#) (guerra da independência dos Estados Unidos face a Inglaterra), embora possua características distintas das revoluções burguesas anteriormente citadas, visto que se tratou de um conflito internacional entre burguesias nacionais. Sobre o enquadramento da independência estadunidense no contexto das revoluções burguesas, um ponto determinante a ser abordado “é que, durante o século XVII, a Inglaterra havia deixado de ser uma monarquia absolutista, tornando-se uma [monarquia parlamentar constitucionalista](#), na qual a burguesia, por meio do Parlamento, controlava [também politicamente] o país. Com o advento da Revolução Industrial, essa burguesia tinha interesse na expansão da indústria e por isso buscava novas fontes de matérias-primas e novos mercados consumidores. As colônias da Inglaterra [entre elas as [Treze Colônias norte-americanas](#) em questão], naturalmente, foram enxergadas como ‘fontes para alimentar o processo industrial inglês’, conforme definiu o historiador Leandro Karnal”, cujo interesse foi confrontado pela burguesia local estadunidense em formação, resultando daí o processo de independência dos EUA (Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/independencia-estados-unidos.htm>. Visto em 03.05.2020).

14 O desenvolvimento histórico e conceitual do trabalho como [mercadoria](#) nasce da [Economia Clássica](#) com o economista

Nessa altura do Capítulo I, indicando as sucessivas crises comerciais que vinham ocorrendo desde a década de 1830, as quais, conforme entendem, ameaçavam cada vez mais a existência da própria sociedade burguesa, os autores do *Manifesto* passam a discorrer especificamente sobre o proletariado.

Verificando que a burguesia vive em luta contínua (seja contra a aristocracia, na Idade Média, seja, mais tarde, contra partes da própria burguesia que possuem interesses conflitantes com o progresso da indústria, seja contra a burguesia de outros países), buscam evidenciar que em todas essas lutas a classe burguesa vê-se obrigada a apelar para o proletariado, arrastando-o para o movimento político, o que acaba por fornecer-lhe os elementos de sua própria educação política, produzindo, a burguesia, os “seus próprios coveiros”, sendo seu declínio e a vitória do proletariado “**inevitáveis**” (grifo nosso), afirmam. A par disso, referindo-se ao proletariado, proclamam: “Sua luta contra a burguesia começa com sua própria existência”.¹⁵

Marx e Engels assinalam que o operariado, tomando consciência de sua situação, tende a se organizar e lutar contra a opressão; e ao tomar conhecimento do contexto social e histórico onde está inserido especifica seu objetivo de luta.

Assim, sua organização deve ser ainda maior, pois toma um caráter **transnacional**, já que a subjugação ao capital despojou-o de qualquer nacionalismo.

Neste ponto, importante fazermos uma digressão para destacarmos a palavra “inevitáveis”, mencionada anteriormente, no que se refere ao declínio da sociedade burguesa e o triunfo do proletariado. Ao contrário do que muitos analistas ainda afirmam, entre eles alguns marxistas, quer nos parecer que a dita “inevitabilidade” do colapso do capitalismo e da vitória do proletariado expressada por Marx e Engels não era assim tão absoluta.

Os que assim entendem têm como base o próprio *Manifesto*, em seu Capítulo II (“Proletários e comunistas”), por exemplo, quando Marx e Engels assentam, à luz da teoria comunista, a necessidade de organização do proletariado como classe social capaz de reverter

britânico [David Ricardo](#), e depois, como [mercadoria-força de trabalho](#), na crítica da economia política de Marx. A construção teórica que considera mercadoria a força de trabalho humana, isto é, “a capacidade dos trabalhadores de produzirem riqueza material ou, mais precisamente, as aptidões e habilidades humanas submetidas à condição de ‘compra’ e ‘venda’”, é um conceito crucial em Marx na sua crítica à economia política capitalista. Marx considera a força de trabalho como a mais importante das [forças produtivas](#). Em *O capital*, a ‘compra’ e ‘venda’ da força de trabalho é a base do capitalismo industrial. Os proletários são, por definição, privados de meios de vida. O proletariado como classe constitui-se, portanto, daqueles que não tem outro meio de subsistência a não ser a ‘venda’, como mercadoria, de suas aptidões e habilidades ao capitalista (proprietário dos meios de produção). O custo da força de trabalho corresponde ao salário e consiste no custo da sua reprodução (incluindo habitação, alimentação, saúde etc. do trabalhador e de sua família). Porém, essa mercadoria – a força de trabalho – gera mais valor do que ela mesma custa. Este excedente é a [mais-valia](#) (ou mais-valor), trabalho não pago que é apropriado pelo capitalista sob a forma de lucro” (grifo nosso) (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho. Consultado em 20.07.2020).

Em sentido contrário, não considerando a força de trabalho como mercadoria, veja o artigo **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho**, de Pedro Vieira, disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>, visto em 20.07.2020. O tema “força de trabalho como mercadoria”, uma das bases da construção teórica marxiana, se não a maior, será estudado em momento próprio da nossa “expedição” literária.

- 15 Ao afirmarem que “nessa fase, portanto, os proletários não combatem os seus inimigos, mas os inimigos de seus inimigos, os restos da monarquia absoluta, os proprietários de terras, os burgueses não industriais, os pequenos burgueses etc.”, demonstram que todo o movimento histórico moderno está concentrado nas mãos da burguesia, sendo que as vitórias conquistadas neste contexto serão sempre vitórias da burguesia, a exemplo da Revolução Francesa de 1789 e da própria Revolução de 1848 (MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Op. cit., p. 53). Aqui, nos parece que Marx e Engels chamam atenção e alertam para uma espécie de “armadilha” do processo de luta em que o proletariado se envolveu nos tempos modernos, da qual precisam se desvencilhar e até tirar proveito com vistas à efetivação do seu propósito revolucionário.

sua precária situação¹⁶; bem assim em seu Capítulo III (“Literatura socialista e comunista”), quando criticam a doutrina do “socialismo e comunismo crítico-utópicos” por esta não se apoiar em uma luta política autônoma da parte do proletariado, isto é, em um movimento político que lhe seja próprio, para **criar as condições propícias** para a transformação social, e por não **buscar a prática de uma atividade social** que fomente as condições históricas da emancipação proletária, como a organização gradual do proletariado em classe¹⁷.

Igualmente no Prefácio da edição alemã de 1872 do *Manifesto do Partido Comunista*, onde fazem as primeiras observações críticas da edição de 1848, ao refletirem sobre a derrota da Comuna de Paris de 1871¹⁸, os dois filósofos alemães asseveram que a aplicação dos princípios contidos no *Manifesto* “sempre” dependerá, “e em toda a parte, das **circunstâncias históricas existentes [...]**”.¹⁹

Ademais, ao longo de suas obras, após 1848, Marx aponta que as **crises capitalistas permanentes não existem**, elas na verdade são sempre **soluções momentâneas e forçadas** ante as contradições presentes.

Para Marx e Engels não existe crise econômica tão profunda da qual o capitalismo não possa recuperar-se, uma vez garantido que a classe trabalhadora “**pague o preço**” do desemprego, deterioração dos padrões de vida e das condições de trabalho. Se uma crise levará a “um estágio mais elevado de produção social”, com a superação do sistema capitalista, isso dependerá da **consciência, organização** e da **ação política** da classe trabalhadora, concluem.²⁰

16 Idem, p. 59.

17 Ibidem, p. 76-79.

18 A *Comuna de Paris* é considerada “o primeiro governo operário ou proletário da história”. Foi fundada em 1871, na capital francesa, por ocasião da resistência popular ante a invasão da França por parte do [Reino da Prússia](#) – a [Guerra Franco-Prussiana](#). “Essa guerra, com a vitória do exército prussiano, marcou a queda de [Napoleão III](#) (1808-1873) e do sistema monárquico na França. Com isso, foi proclamada a [Terceira República Francesa](#) (que durou até a [Segunda Guerra Mundial](#)), legitimando um governo provisório de defesa nacional para o qual [Louis Adolphe Thiers](#) (1797-1877), membro da Assembleia Nacional Francesa, foi eleito presidente. O Governo Provisório de Thiers, com sede na prefeitura de Paris, iniciou um processo de capitulação da França entregando ao invasor (Prússia) a maior parte de seu exército permanente bem como suas armas, a contragosto da população parisiense. Grupos organizados de Paris, que se opunham à invasão prussiana, foram contidos pelo governo de Thiers. Os insurretos, porém, contiveram a intervenção estatal, obrigando os membros do governo a abandonar precipitadamente Paris, fugindo para Versalhes. Ficando Paris sem autoridade, deu-se início à independência política da capital frente a Assembleia de Versalhes, culminando com a eleição e a declaração da Comuna em 26/28 de março. O governo revolucionário formou o Comitê Central da federação dos bairros que ocupou aquele vácuo de autoridade e se instalou na prefeitura de Paris. O Comitê era formado por membros da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)^[veja Nota mais adiante], por proudhonistas [seguidores do socialista ‘utópico’ francês [Pierre-Joseph Proudhon](#) (1809-1865)] e uma miscelânea de indivíduos, a maioria trabalhadores braçais, escritores e artistas, mas que também incluía pequeno-burgueses. Eleições foram realizadas em todos os níveis da administração pública obedecendo à lógica da [democracia direta](#). Noventa representantes do Comitê foram eleitos, mas apenas vinte e cinco eram trabalhadores e a maioria foi constituída de pequeno-burgueses. Entretanto, os revolucionários predominavam. Porém, em troca de concessões da França, o chanceler prussiano [Otto von Bismarck](#) (1815-1898) libertou franceses presos de guerra para que pudessem ajudar no cerco à cidade, pondo-se um fim à experiência comunal em 28 de maio, após 7 dias de guerra civil – a *Semana Sangrenta*”. O governo da Comuna de Paris durou oficialmente 46 dias, de 18 de março a 28 de maio de 1871. Em parte, “a limitação geográfica do governo comunal, restrito à capital francesa, facilitou a sua derrota”. Devem-se somar a isso outros fatores: “as divisões políticas dentro do movimento, o fato de o governo formado em Paris não ter atacado Versalhes e a ausência de um comando militar suficientemente preparado para uma eventual invasão”. Com a derrota do governo comunal, Marx e Engels produziram diversas análises a partir daquela experiência. Uma delas foi evidenciar que “a Comuna foi muito além de uma guerra civil; sendo uma primeira expressão da luta de classes em um país em pleno desenvolvimento capitalista”. A Comuna de Paris – considerada também por alguns estudiosos “a primeira república proletária da história” – adotou uma política de caráter socialista, baseada nos princípios da AIT. Tanto Marx quanto Engels argumentaram que a Comuna de Paris foi um exemplo de “ditadura do proletariado” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris. Consultado em 16.05.2020).

19 MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Op. cit., p. 26.

20 SANTIAGO, Emerson. *O Capital*. Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>. Visto em 20.07.2020. Sobre a (in)evitabilidade da vitória do proletariado e, por conseguinte, da superação do capitalismo pelo socialismo, e,

Reportando-nos agora ao Capítulo II – “Proletários e comunistas” –, nele, Marx e Engels fazem uma dura crítica ao modo de produção capitalista e à forma como a sociedade se estruturou através dele. Nas linhas desse capítulo, à luz da teoria comunista, defendem a necessidade de organização do proletariado como **classe social** capaz de reverter sua precária situação, bem como delineiam o pensamento comunista face a seus opositores.²¹

Na parte em que descrevem os “comunistas”, afirmam que seus objetivos imediatos são os mesmos que os dos demais partidos proletários: “constituição do proletariado em classe, derrubada da dominação da burguesia e conquista do poder político pelo proletariado”. Porém, enfatizam dois traços que distinguem os comunistas dos demais partidos proletários: a visão pelos comunistas do **conjunto do proletariado** e da representação do **interesse comum** da classe, **independente da nacionalidade** [o que corresponde à ideia de *internacionalismo* em Marx, digo eu].

Destacam os autores do *Manifesto Comunista* que as expressões teóricas comunistas têm como eixo o **movimento histórico das lutas de classes**, daí a célebre frase, dentre as várias ali assentadas: “A história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história da luta de classes”²².

As relações de propriedade, afirmam, forjadoras das lutas de classes (digo eu), estiveram sempre submetidas a uma contínua modificação e transformação históricas, a exemplo da Revolução Francesa que aboliu a propriedade feudal em favor da propriedade burguesa. Nesse sentido, resumem a teoria comunista à **abolição da propriedade privada burguesa dos meios de produção** (“os proletários nada têm de seu para salvaguardar”, prescrevem).

Quanto a esse aspecto, Marx e Engels realçam que “o comunismo **não priva** o poder de apropriação dos produtos sociais” (grifo nosso); apenas **elimina** “o poder de subjugar o trabalho alheio por meio dessa apropriação”²³.

Considerando o **capital**²⁴ como fruto de um **produto coletivo**, pois só pode ser colocado em movimento pela atividade comum de muitos membros da sociedade, o capital, não é mesmo uma potência pessoal, mas social, sustentam. Transformado em **propriedade comum**, pertence a todos os membros da sociedade. Portanto, não se está diante de uma propriedade pessoal que se transforma em propriedade social, pois o que se transforma na verdade é apenas o seu caráter social, perdendo o caráter de classe.

mais adiante, deste pelo comunismo, veja JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-é-inevitável-!-!.html>. Consultado em 20.07.2020.

21 MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Op. cit., p. 59-67. Os parágrafos seguintes foram redigidos com base na obra e páginas referenciadas.

22 Idem, p. 45.

23 Nesse trecho, Marx e Engels traçam alguns argumentos contra a acusação corrente de que os comunistas querem abolir a propriedade adquirida pessoalmente, fruto do trabalho do indivíduo e do mérito pessoal: “Falais da propriedade pequena burguesa, do pequeno camponês, que antecedeu à propriedade burguesa? Não precisamos aboli-la: o desenvolvimento industrial já a aboliu e continua a aboli-la diariamente”. Em relação à propriedade do proletariado, exclamam: “Mas o trabalho assalariado, o trabalho do proletário lhe cria propriedade? De modo algum. Cria capital...” (Ibidem, p. 60). A negação pelo comunismo do conceito de *propriedade privada dos meios de produção*, não se confunde com uma suposta negação da *propriedade pessoal*, a exemplo dos bens de consumo e de uso pelo cidadão para satisfação das suas necessidades, como carro, roupas, casa etc., pois esses bens, nessa condição, “não são meios de produção, mas consequência destes” e, portanto, pertencem ao seu proprietário e continuarão pertencendo, sendo de sua livre disposição (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o. Consultados em 21.07.2020).

24 Da categoria *capital*, dado a complexidade de sua definição em Marx, ainda que a título de uma noção conceitual, tratamos em nosso texto “Arrazoado e sinopse de *O capital*”, disponibilizado na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, item *Pensamento econômico*, deste Blog.

O que se quer, concluem os dois revolucionários, é abolir o caráter “miserável” da apropriação do trabalho alheio pelo capital, que faz com que o operário seja unicamente uma mercadoria que sirva aos interesses econômicos da classe dominante com vistas ao aumento do próprio capital.

A exclusividade dos proletários conscientes, portanto comunistas, na vanguarda da luta de classes, segundo Marx e Engels, é porque eles visam **a abolição da propriedade privada dos meios de produção** e lutam embasados num **conhecimento histórico da organização social**; são, portanto, **revolucionários**.

É certo que no primeiro momento, após dominar o Estado burguês, o proletariado utilizará seu poder político para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do, agora, **Estado proletário**, o que o fará por meio da “**ditadura do proletariado**”²⁵, com vistas a aumentar o mais rapidamente possível a massa das forças produtivas.

Entretanto, com o desenvolvimento do socialismo e, por conseguinte, com a implantação do modo de produção comunista, protagonizado pelo desaparecimento da divisão de classes sociais e pela concentração da produção nas mãos dos indivíduos associados, o poder do proletariado, como classe até então dominante, perderia seu caráter político e opressor, sendo ele **abolido**. Pondo-se fim a mais essa ditadura de uma classe, no caso, a “ditadura do proletariado”.

Em decorrência desse processo seria instaurada a **sociedade comunista**, ou **modo de produção comunista**, uma sociedade **sem antagonismo de classes** e, por conseguinte, **sem a presença de sua dimensão estatal** (o Estado político). Uma organização socioeconômica na qual “o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos” – uma **livre associação de produtores**, ou, como Marx denominava, uma “**comunidade dos indivíduos livremente associados**”²⁶ (grifo nosso).

25 A *ditadura do proletariado*, na teoria marxiana, refere-se à condição na qual o proletariado (ou a classe trabalhadora em sentido amplo) detém o *controle do poder político*, quando da implantação do socialismo em determinado país, passo intermediário e necessário entre o capitalismo e comunismo. Tal qual ocorreria quando da superação do modo de produção feudal pelo modo de produção capitalista, a partir da “ditadura da burguesia”, que vige até os nossos dias. A “ditadura do proletariado”, configura-se em um estado democrático, caracterizado pela existência de organismos de governo da classe trabalhadora, e não se confunde com “ditadura” no sentido comum da palavra, isto é, com autoritarismo e um estado de exceção. Sobre “ditadura do proletariado”, categoria político-social fundamental na construção do ideário revolucionário marxiano, veja nosso escrito “Burguesia, Proletariado, Luta de classes e Ditadura do proletariado”, que disponibilizamos na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução* (item *O universo marxiano, principais conceitos*), deste Blog.

26 Na acepção comunista, a *livre associação dos produtores* é um “modo de *relação social* entre indivíduos em que não há a presença do *Estado* intermediando essa relação, tampouco de uma *classe social dirigente*, pois pressupõe a abolição da propriedade privada dos meios de produção, e, com ela, a inexistência da divisão social em classes (detentores (capitalistas) e não detentores (proletariado) dos meios de produção); não mais, por assim ser, se justificando a existência do Estado político ‘regulador’ dessa sociedade” (grifo nosso). O conceito de “livre associação”, porém, torna-se mais claro em relação ao conceito de proletariado. “O proletário é o indivíduo que não tem propriedade de nenhum meio de produção e que, portanto, para sobreviver, vende a única coisa que ainda possui, as suas aptidões e habilidades (força de trabalho), àqueles que detêm a propriedade privada dos meios de produção, em troca do salário. A relação entre proletários e proprietários dos meios de produção é, com isso, uma *associação forçada*, em que o proletário é ‘livre’ apenas para vender sua força de trabalho, se quiser sobreviver. Ao vender sua capacidade produtiva em troca do salário que lhe garanta a sobrevivência, o proletário coloca sua própria atividade prática sob a vontade do comprador (o proprietário), tornando-se alienado de seus próprios atos e dos produtos dele, numa relação de dominação e exploração. A livre associação seria, então, a sociedade que o proletariado criaria se ele conseguisse suprimir a propriedade privada dos meios de produção para dispor deles livremente, o que acarretaria o fim da sociedade de classes, ou seja, não mais existiriam proprietários individuais dos meios de produção nem proletários e tampouco Estado, mas apenas indivíduos livremente associados. O conceito comunista de livre associação é, muitas vezes, considerado utópico ou abstrato demais para nortear uma prática transformadora da sociedade. Ele estaria no plano dos sonhos. No entanto, é valorizado por tendências atuais, a exemplo do movimento do [software livre](#), como um princípio básico nas relações entre desenvolvedores de softwares não proprietários” (grifo nosso). Outros contra-argumentam que “a livre associação não é

Também no capítulo segundo, Marx e Engels rebatem as acusações de opositores no que se refere a várias proposições atribuídas aos comunistas: a suposta **abolição da família** e da **educação doméstica**, bem assim, o **papel da mulher** na sociedade comunista, estranhando os opositores a condição da mulher como sujeito da relação humana e não mais objeto.

Igualmente no que diz respeito à **pátria** e à **nacionalidade**, os comunistas são censurados por “quererem” aboli-los, desconsiderando, aqueles censores, o desaparecimento gradual do sentimento de nação decorrente do cada vez mais intenso desenvolvimento do mercado mundial. O que hoje podemos identificar como “globalização” (econômica, social e cultural), digo eu.

Concluindo essa parte do *Manifesto*, seus autores reforçam que a história das ideias demonstra que a produção intelectual se transforma com a produção material; que as ideias dominantes de uma época sempre foram apenas as ideias da classe dominante. As ideias não são leis naturais, eternas universais: “[...] as ideias religiosas, morais, filosóficas, políticas, jurídicas ... modificaram-se no curso do desenvolvimento histórico. Entretanto, a religião, a moral, a filosofia, a política e o direito sempre sobreviveram a essas mudanças”.

No terceiro capítulo – “Literatura socialista e comunista” –²⁷, Marx e Engels analisam e criticam do ponto de vista teórico os três tipos de socialismo que identificam: o socialismo reacionário, o socialismo conservador ou burguês e o socialismo e comunismo crítico-utópicos:

- a) **Socialismo reacionário** (subdividido em socialismo feudal, pequeno-burguês e alemão ou “verdadeiro” socialismo): tal socialismo diz respeito a uma forma de a elite ou grupos de interesses de cada época²⁸ conquistar a simpatia do povo, utilizando as massas para seu intento, a troco de “migalhas”, digo eu. Esses “socialistas”, mesmo tendo analisado as grandes contradições da sociedade, olhava-as do ponto de vista burguês e procurava manter os meios de produção e de troca, e com eles as relações de propriedade e sociais que os favoreciam.

uma utopia, e menos ainda um sonho, mas uma exigência emancipatória que surge necessariamente da própria condição material que constitui o proletariado (ou seja, a ‘privação de propriedade’ e a constante ‘luta social’ contra a submissão e exploração que essa privação acarreta e que o coloca contra o Estado e o capital). Porém, as tendências que advogam uma fase de transição (principalmente a [social-democracia](#) e o [leninismo](#)) adiam-na para um futuro mais ou menos longínquo, ficando ela, assim, cada vez mais em segundo plano diante da tarefa de estabelecer uma fase de transição. Na linha leninista, como o proletariado não pode ter interesse em que sua própria emancipação seja adiada para um futuro indefinido, a busca de uma ‘fase de transição’ é necessariamente uma tarefa que é assumida não pelo proletariado autônomo, mas por uma [vanguarda](#) intelectual ou por políticos profissionais. Isso acabou por culminar no [stalinismo](#) e no [maoismo](#), por exemplo, como ocorreu na União Soviética e na República Popular da China, respectivamente”. Por sua vez, “a social-democracia, em sua origem, defendia que o advento da livre associação viria gradualmente através de reformas feitas por representantes políticos eleitos num Estado democrático. Entretanto, nos atuais partidos social-democratas o conceito de livre associação foi praticamente abandonado”. Já as tendências atuais “derivadas do [comunismo de conselhos](#) entendem a livre associação como a base prática fundamental de transformação da sociedade em todos os níveis, desde o nível cotidiano (busca de um relacionamento interpessoal libertário, crítica do consumismo, crítica do comportamento conformista e obediente) até o nível da sociedade mundial como um todo (luta contra o Estado e contra a classe dominante em todos os países, luta pela destruição das fronteiras nacionais, apoio à luta auto-organizada dos oprimidos e aos ataques à propriedade, apoio às greves e à luta autônoma dos trabalhadores e desempregados)” (Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livre_associa%C3%A7%C3%A3o_\(conceito\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livre_associa%C3%A7%C3%A3o_(conceito)). Consultado em 15.05.2020).

27 MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Op. cit., p. 69-79. Os parágrafos seguintes foram redigidos com base na obra e páginas referenciadas.

28 A aristocracia no sistema feudal, a pequena-burguesia na sociedade moderna e a monarquia absoluta com seu séquito de padres, fidalgos rurais e burocratas, todos em sua luta particular contra a burguesia.

- b) **Socialismo conservador** ou **burguês**: sendo de caráter reformista e anti-revolucionário, como Marx e Engels enquadravam os “proudhonistas”²⁹, corresponde a um tipo de socialismo que deseja a sociedade atual sem os elementos que a revolucionam e a dissolve, pregando, não uma transformação política radical, mas somente uma transformação nas condições materiais de existência do proletariado, não significando tal transformação a supressão das relações burguesas de produção e de propriedade; pelo contrário, as consolida, pois, uma vez concretizada a adesão das massas trabalhadoras a esta proposta, reduz-se para a burguesia o custo de sua dominação, em todos os sentidos (econômico, político, social etc.). Marx e Engels concluem sobre o socialismo conservador prescrevendo: “Seu socialismo consiste precisamente na afirmação de que os burgueses são burgueses – no interesse da classe operária”.
- c) **Socialismo e o comunismo crítico-utópicos**, ou sistema de Saint-Simon, Fourier, Robert Owen etc. (referenciados em nota de pé de página anterior): esse tipo de socialismo tem uma proposta que não se apoia em uma luta política autônoma da parte do proletariado, isto é, em um movimento político que lhe seja próprio, e muito menos na ação revolucionária, que rejeita. Para Marx e Engels, o socialismo e comunismo “utópicos”, apesar de realizar uma análise crítica da situação operária, reconhecendo o antagonismo das classes burguesas e proletárias, assim como a eficácia dos elementos dissolventes existentes no bojo da própria sociedade dominante, atacando todas as bases da sociedade vigente, prefere inclinar-se à procura de uma ciência social, de leis sociais, para criar as condições propícias para a transformação que deseja, em vez de praticar uma atividade política que fomente as condições históricas da emancipação proletária, como a organização gradual do proletariado em classe. Ao contrário, o que faz é restringir sua ação à propaganda e aos planos de sociedade ideal, ainda que seja apelando para a classe dominante com vistas à sua concretização.

Por fim, no quarto capítulo – “Posição dos comunistas diante dos diversos partidos de oposição” –, Marx e Engels elencam as principais ideias do *Manifesto*, reforçando os anseios e propósitos dos comunistas. Destacam as questões da **abolição da propriedade privada dos meios de produção** e da **derrubada violenta de toda a ordem social existente**, motivando a união entre os operários e acentuando a **união transnacional (internacionalismo)**³⁰ do proletariado em detrimento do nacionalismo esbanjado pelas

29 O termo “proudhonista” ou “proudhoniano” está relacionado aos adeptos das ideias socialistas do filósofo francês Pierre-Joseph Proudhon, cujo pensamento recebeu o nome de “proudhonismo”. Sobre a crítica de Marx a Proudhon, reveja nosso arrazoado do livro de Marx “*Miséria da Filosofia*”, disponível igualmente na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, item *Pensamento político-ideológico*, deste [Blog](#).

30 De acordo com Fernando Horta (in **VII – O internacionalismo**. Disponível em <https://www.sul21.com.br/revolucao-russa-100-anos/2017/04/vii-o-internacionalismo/>. Consultado em 22.07.2020), “Muitos pontos do pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels levam ao entendimento de que a questão nacional talvez não seja suficiente para compreender o capitalismo. Marx defendia que as necessidades humanas eram parte da gênese do homem como ser social. Assim, onde existe vida existe necessidade. Marx afirmava a tendência de todos os sistemas econômicos de serem sempre *globais*. Como tinha ocorrido com o escravismo ou o feudalismo a seu tempo, o capitalismo tenderia a se espalhar pelo planeta. Então, muito além do bordão ‘proletários de todos os países, uni-vos’, Marx sinalizava que o plano de luta era um *plano internacional* e não somente o nacional ou local; nesse sentido a emancipação do trabalho é um problema social e que envolve todos os países da sociedade moderna” (grifo nosso). Ainda sobre esse aspecto, Louis Althusser (in **MARX, Karl Heinrich. O capital. Livro I**. Op. cit., p. 56 (texto “Advertência aos leitores do Livro I d’*O capital*”)) realça a

nações. Nesse sentido, as célebres frases: “Que as classes dominantes tremam diante de uma revolução comunista. Os proletários nada têm a perder nela, a não ser suas correntes”, e “Proletários de todos os países, uni-vos!”.³¹

Embora, aqui, tenhamos concluído o artigo prometido, cabe ainda destacar os prefácios dos dois autores às edições seguintes à primeira publicação do *Manifesto*, sendo, pois, uma forma de reinterpretá-lo a partir de novas conjunturas sócio-político-econômicas, sendo eles, Marx e Engels, “os próprios revisionistas pioneiros do marxismo”, como afirma Sílvio Sant’anna.³²

Vinte e cinco anos depois da publicação do *Manifesto do Partido Comunista*, os autores expressaram no prefácio da edição alemã de 1872 as primeiras observações críticas à obra comum, com reflexões sobre a derrota da Comuna de Paris de 1871.³³

Analizando a experiência, Marx aponta uma única “correção” que julgara necessária introduzir em o *Manifesto* de 1848. Karl Marx e Friedrich Engels reconhecem que o seu programa estava “hoje envelhecido em alguns pontos”. Desta forma, observam que a aplicação dos princípios nele contidos sempre dependerá, e em toda a parte, das **circunstâncias históricas existentes**.

Além disso, ou por isso, o movimento comunista deveria se reorganizar sob novas perspectivas que levassem em conta o **desenvolvimento do capitalismo** e o novo papel político aberto pela **existência de partidos operários**, que na época da primeira publicação do *Manifesto*, em 1848, não passavam de organizações clandestinas.

A Comuna de Paris havia demonstrado para os filósofos revolucionários alemães que “não basta à classe operária apoderar-se da máquina do Estado para adaptá-la aos seus próprios fins”. A reanálise de Marx apontava que a classe operária deveria “quebrar”, “destruir” a “máquina” do Estado, não se limitando apenas a assenhorear-se dela, sendo isso “condição prévia de qualquer revolução verdadeiramente popular”.

Como já depois da revolução de 1848-49 (“Primavera dos Povos”) o poder do Estado havia se tornado “o grande instrumento nacional da guerra do Capital contra o Trabalho”, seria necessário mesmo destruí-lo, proposta que não estava clara na primeira edição de 1848 do *Manifesto*.

Numa outra reflexão, desta feita no prefácio de 1882 da edição russa, Marx e Engels reconheceram o **potencial revolucionário do campesinato**, bem como o papel que poderia desempenhar uma economia agroexportadora como a da Rússia com o surgimento do proletariado em uma economia capitalista periférica e emergente, nascida da concentração de renda agrária.³⁴

Nesse sentido, sobre movimentos russos da época, afirmam: “[...] se a revolução russa dá o sinal para uma revolução proletária no Ocidente, de modo que ambas

característica internacional da exploração capitalista, cuja exploração local, restrita a um determinado país, “somente existe como uma simples parte de um sistema de exploração generalizado”, demonstrando que este fenômeno tem início historicamente com “a exploração colonial direta (o colonialismo), apoiada na ocupação militar, e depois pela indireta (neocolonialismo), sem ocupação militar”. Daí afirmar que “existe, portanto, uma verdadeira internacional capitalista de fato, que desde o fim do século XIX se tornou a internacional imperialista, à qual o movimento operário e seus grandes dirigentes (Marx, Engels e depois [Lenin](#)) responderam com a internacional operária (a Primeira, a Segunda e Terceira Internacional [e com [Leon Trotsky](#), a Quarta] [sobre as quatro Internacionais veja Nota mais à frente])”.

31 MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Op. cit., p. 81 e 82.

32 Idem, p. 23 (Introdução).

33 Ibidem, p. 26 e 27. Os parágrafos seguintes foram redigidos com base na obra e páginas referenciadas.

34 Ibidem, p. 27 e 28. Os parágrafos seguintes foram redigidos com base na obra e páginas referenciadas.

se completem, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista”, situações que sequer eram vislumbradas no panfleto de 1848³⁵.

Quer nos parecer que com essa “concessão”, Marx e Engels reafirmam o caráter essencial do **internacionalismo** das revoluções para o triunfo do socialismo, principalmente nos países de capitalismo periférico, atrasado ou emergente, admitindo a revolução socialista em nações de capitalismo atrasado como a Rússia³⁶.

Já no prefácio da edição alemã de 1883, Engels faz uma homenagem póstuma à Marx, que tinha falecido naquele ano, anotando que a partir dali “não se pode mais pensar em refazer ou completar o *Manifesto*”.³⁷

Nessa intervenção, Engels reafirma o pensamento dominante e essencial presente no *Manifesto do Partido Comunista*: “a **produção econômica** e a **estrutura social** que necessariamente decorre dela constituem em cada época histórica a base da história política e intelectual dessa época; que, por conseguinte (desde a dissolução do regime primitivo da propriedade comum da terra), toda a história tem sido uma **história de lutas de classes, de lutas entre as classes exploradas e as classes exploradoras, entre as classes dominantes e as classes dominadas**, nos diferentes estágios do desenvolvimento social ...” (grifo nosso).

Quarenta anos depois, prefaciando a edição inglesa de 1888, Engels retoma o exposto nos prefácios anteriores e, referindo-se à reorganização da classe operária após os acontecimentos das revoluções de 1848, retroage ao surgimento da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), ou Primeira Internacional (1864), que teve o intuito de recobrar as forças proletárias com vistas a um novo ataque às classes dominantes³⁸, para reafirmar a

35 Por óbvio, Marx e Engels referem-se à tentativa de revolução russa do seu tempo.

Em relação aos parágrafos acima, chamamos atenção para um aspecto, ainda hoje muito discutido, embora não adentrando em seu desfecho: a suposta “negativa” de Marx quanto à viabilidade de a revolução socialista/comunista ocorrer em país de capitalismo não desenvolvido. Ou em um sentido mais amplo: se na obra de Marx “consta ou não uma limitação teórica de premissas e regras fixas quanto à possibilidade de que uma revolução socialista/comunista se dê em países de capitalismo não avançado, sem uma burguesia forte e consolidada, e sem o país ter percorrido o longo percurso que vai da dissolução das relações sociais feudais ao desenvolvimento pleno das relações sociais capitalistas, como a Rússia de 1917” – condições completamente diferentes das que se tinha na Inglaterra da época, país onde Marx supostamente previra que ocorreria a revolução socialista, dali se disseminando para outros países. Quanto a este debate específico, veja o artigo do mestre em filosofia Gustavo Machado intitulado **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx** (in Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/conteudo/0.2494301612017957.pdf>. Consultado em 30.05.2020).

36 Ao nosso juízo, o princípio do internacionalismo marxiano embasou, mais tarde, na primeira metade do século XX, a *teoria da revolução permanente* e a *lei do desenvolvimento desigual e combinado* de Leon Trotsky, que foram contrapostas pela *tese do socialismo em um só país* adotada por *Josef Stalin* (1878-1953), durante seu governo na URSS.

37 MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Op. cit., p. 29.

38 A Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), também conhecida como *Primeira Internacional* ou simplesmente *Internacional*, foi uma organização fundada por Marx e Engels em setembro de 1864, em Londres. O objetivo da AIT “era organizar a classe trabalhadora mundial com vistas à revolução socialista internacional”. Na ocasião, encontravam-se ali cerca de dois mil trabalhadores, entre ingleses, franceses, italianos, alemães, suíços, poloneses, estadunidenses etc. Entre os membros do comitê eleito estava o alemão Karl Marx. “Foi a primeira organização operária a superar fronteiras nacionais”. A organização abrigou trabalhadores das mais diversas correntes ideológicas de esquerda: de comunistas marxistas até *anarquistas* bakuninistas e proudhonianos (denominação dos adeptos da doutrina de *Mikhail Bakunin* e Joseph Proudhon, respectivamente) etc. Ao longo de sua existência a Internacional declarou oposição à Guerra Franco-Prussiana e apoiou a Comuna de Paris, da qual muitos de seus membros participaram. A AIT foi cindida em 1872, durante o Congresso de Haia, com a expulsão dos anarquistas. Da Primeira Internacional decorreram organizações seguintes: a Segunda Internacional, Terceira e Quarta. A *Segunda Internacional*, formada em 1889 por iniciativa de Friedrich Engels, também abrigava partidos *socialistas democráticos* e *reformistas*, ficando ativa até 1916 (um ano antes da revolução socialista russa). A *Terceira Internacional*, também conhecida como *Internacional Comunista* ou *Comintern*, foi criada, em março de 1919, após a *Revolução Russa de Outubro* por Vladimir Lenin e pelo *Partido Comunista da União Soviética* (PCUS). Vladimir Lenin (1870-1924), um dos principais líderes da revolução bolchevique de 1917 na Rússia, foi chefe de governo deste país de 1917 a 1922 e, em seguida, de 1922 até sua morte (1924), foi governante da já então *União das*

sempre confiança de Marx no desenvolvimento intelectual da classe operária mundial direcionado a uma ação unitária.³⁹

Conforme Engels, isso de certa forma ocorreu, pois, após a dissolução da AIT em 1874, houve uma aproximação dos operários em geral aos princípios do *Manifesto*, com o enfraquecimento e até desaparecimento do “proudhonismo” na França e “lassallianismo”⁴⁰ na Alemanha⁴¹.

Engels observa, ainda, que na época da primeira publicação do *Manifesto* preferiu-se o uso do termo “comunista” em vez de “socialista” devido à significação negativa deste último, visto que já era utilizado pelos “utópicos”.

Prosseguindo com o prefácio de 1888, Engels reitera a primazia de Marx como formulador das teses centrais do socialismo “científico”, entre elas a **tese da luta de classes**, que segundo afirmou, “colocavam Marx no mesmo grau de importância de Darwin com sua teoria da evolução das espécies”.

No passo seguinte, no introito da edição alemã de 1890, Engels faz uma retomada histórica do movimento comunista, constatando que naquele ano os termos socialistas e comunistas tornaram-se equivalentes, observando, ainda, que, por meios legais, o proletariado tinha conseguido conquistas políticas e econômicas jamais imaginadas no tempo da redação do *Manifesto*.⁴²

Em 1892, no prefácio da edição polonesa, Friedrich Engels faz considerações relativas ao momento político vivido na Polônia que era controlada pelo império czarista russo, indicando que concomitantemente ao desenvolvimento do modelo capitalista de produção, necessariamente, surge uma classe trabalhadora que, mais cedo ou mais tarde, buscará sua identidade.⁴³

Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A Terceira Internacional criada por Lenin, que tinha também por objetivo “reunir os partidos comunistas de todo o mundo com vistas a difundir o socialismo perante a classe trabalhadora mundial”, foi dissolvida em 1946 por ordem de Stalin. Josef Stalin (1878-1953) foi um revolucionário socialista e político soviético, sucessor de Lenin, que governou a já então URSS de 1924 até sua morte em 1953; foi Secretário-Geral do PCUS de 1922 a 1952 e, de 1941 a 1953, se tornou primeiro-ministro do país. Já a Quarta Internacional foi criada por Trotsky, na França, em 1937, após a sua expulsão da União Soviética por Stalin, seu rival. Leon Trotsky (1879-1940), um intelectual ucraniano (império russo) marxista e revolucionário bolchevique, foi o criador e organizador do Exército Vermelho e rival de Josef Stalin na disputa pela hegemonia do PCUS, após a morte de Lenin (1924). Foi figura central da vitória bolchevique na Guerra Civil Russa de consolidação do regime comunista naquele país. A Quarta Internacional tinha o objetivo de “ajudar a classe trabalhadora mundial a alcançar o socialismo, considerando que a Terceira Internacional estava ‘perdida para o stalinismo e incapaz de levar a classe trabalhadora mundial ao poder político’”. A Quarta Internacional funcionou paralelamente à Internacional Comunista (*Comintern*). No final de 1922 é criada uma nova Associação Internacional dos Trabalhadores, ativa até os dias de hoje, baseada nos princípios do sindicalismo revolucionário (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/ e <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>. Vistos em 26.04.2020).

39 MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Op. cit., p. 30-35.

40 O termo “lassallianismo” diz respeito ao conjunto do pensamento do teórico socialista, escritor e político alemão Ferdinand Lassalle (1825-1864).

41 Em relação à Primeira Internacional, Engels revela que para essa associação cumprir sua finalidade expressa de unir numa única organização todo o proletariado militante da Europa e da América não se pôde proclamar de início os princípios expostos no *Manifesto*, sendo, pois, “obrigada a ter um programa amplo o bastante para ser aceita pelas *Trades Unions* inglesas (sindicatos), pelos seguidores de Proudhon na França, Bélgica, Itália e Espanha, e pelos lassallianos na Alemanha”. Esse programa foi redigido por Marx com o fim de “satisfazer todos os partidos”, pois “confiava inteiramente no desenvolvimento intelectual da classe operária, que resultaria certamente da ação unitária (*combined action*) e da discussão mútua (MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Op. cit., p. 31).

42 Idem, p. 36-38.

43 Ibidem, p. 38-40. Os dois parágrafos seguintes foram redigidos com base na obra e páginas referenciadas.

A publicação do *Manifesto* na Polônia, nesse contexto, era uma prova da busca dos trabalhadores pela identidade de classe, que deveria ser potencializada pela libertação de seu território, propiciando identidade nacional, e bastante sintomática para os trabalhadores de todo o continente europeu.

Engels percebia que o *Manifesto do Partido Comunista* se tornara uma espécie de “indicador” do desenvolvimento da grande indústria no continente europeu, pois na medida em que se estendia num país, crescia, ao mesmo tempo, entre os operários locais, o desejo de serem esclarecidos sobre sua posição como classe operária perante as classes possuidoras, difundindo-se, então, entre eles, o movimento socialista e, por conseguinte, a procura pela leitura do *Manifesto*.

Por último, no prefácio da edição italiana de 1893, Engels resgata, mais uma vez, os movimentos revolucionários de 1848 (“Primavera dos povos”), indicando ter sido aquele o ano em que os trabalhadores italianos e alemães, além dos franceses, deram os primeiros passos para sua emancipação definitiva, nada obstante a derrota das revoluções socialistas da época, com a consequente coleta dos frutos pela classe capitalista, muito embora, em todas as partes, a revolução de 1848 tenha sido obra da classe operária, sendo ela quem “levantou as barricadas e pagou com a vida”.⁴⁴

Ressaltando o caráter unificador da revolução de 1848, esclarece, que a vitória política da burguesia e sua chegada ao poder não seria possível sem a independência nacional registrada em importantes países europeus, o que acabou ocorrendo nos anos seguintes, em uns países mais cedo, noutros mais tarde, como a autonomia da Itália em 1861 face ao império austríaco, a relativa independência da Hungria em 1867 face à Áustria, compondo-se o império austro-húngaro, e a unificação da Alemanha em 1871.

A autonomia das nações também teve repercussão positiva no processo da união internacional dos trabalhadores, união essa inimaginável nas condições políticas anteriores a 1848.

Dito isso, finalizando este artigo, é certo que a tentativa da formação de um novo governo proletário ocorreria apenas em 1917, na Rússia; servindo a Comuna de Paris como exemplo para os bolcheviques revolucionários russos. O transcorrer e final dessa história, que durou cerca de 74 anos, todos conhecemos.

44 Ibidem, p. 40-42. Os dois parágrafos seguintes foram redigidos com base na obra e páginas referenciadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo. **200 anos de Engels – A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**(vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://youtu.be/YyjBHqnxRM0>.
- ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.
- BEZERRA, Juliana. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.
- CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.
- CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características**. Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.
- DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.
- DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwEwNTY1/view?hl=pt_PT.
- FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo).TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvo>.
- FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário**. Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/.
- GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.
- HORTA, Fernando. **VII – O internacionalismo**. Disponível em <https://www.sul21.com.br/revolucao-russa-100-anos/2017/04/vii-o-internacionalismo/>.
- JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevitáutevel-!!-html>.
- MACHADO, Gustavo. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx**. Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.
- MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.
- _____ e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.
- NETTO, José Paulo. **200 anos de Engels –A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>.
- PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.
- PETERSON, John. **Zinoviev e a degeneração stalinista da Comintern**. Disponível em <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>.
- SANTIAGO, Emerson. **O Capital**. Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.
- SITE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Guilhotina#97 – José Paulo Netto** (áudio – podcast de entrevista com o professor José Paulo Netto). Disponível em <https://diplomatie.org.br/guilhotina-97-jose-paulo-netto/>.
- SITE WIKIPEDIA. **Adam Smith**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.
- _____. **Associação Internacional dos Trabalhadores**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores.
- _____. **Burguesia**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>.
- _____. **Capital**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia)).

- _____. **Capitalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>.
- _____. **Capitalismo Industrial**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial>.
- _____. **Classe social**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.
- _____. **Comuna de Paris**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna de Paris](https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris).
- _____. **Comunismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>.
- _____. **Crise de 1857**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise de 1857](https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857).
- _____. **David Ricardo**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/David Ricardo](https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo).
- _____. **Democracia direta**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia direta](https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta).
- _____. **Dialética**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.
- _____. **Ditadura**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.
- _____. **Ditadura do proletariado**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura do proletariado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado).
- _____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Do Socialismo Ut%C3%B3pico ao Socialismo Cient%C3%Adfico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%ADfico). em
- _____. **Economia Clássica**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia c%C3%A1ssica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica).
- _____. **Economia marxiana**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia marxiana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana).
- _____. **Economia Política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia po%C3%Adtica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%ADtica).
- _____. **Ferdinand Lassalle**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand Lassalle](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle).
- _____. **Feudalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.
- _____. **Forças produtivas**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as produtivas](https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas).
- _____. **Força de trabalho**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a de trabalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho).
- _____. **Friedrich Engels**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich Engels](https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels).
- _____. **História do comunismo**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria do comunismo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo). em
- _____. **Império Austro-Húngaro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Karl Heinrich Marx**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl Marx](https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx).
- _____. **Liga dos comunistas**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga dos Comunistas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas).
- _____. **Livre associação de produtores**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o \(comunismo e anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)). em
- _____. **Luta de classes**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta de classes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes).
- _____. **Mais-trabalho**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto Comunista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista). em
- _____. **Marxismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Meios de produção**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios de produ%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o). em
- _____. **Mercadoria no marxismo**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No marxismo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo).
- _____. **Modo de produção**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo de produ%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o). em
- _____. **Modo de produção socialista**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo de produ%C3%A7%C3%A3o socialista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o_socialista). em
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph Proudhon](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon).
- _____. **Práxis**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Hungria**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino da Hungria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria).
- _____. **Reino da Prússia**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino da Pr%C3%BAssia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia).

_____.	Reino de Itália. Disponível	em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946) .		
_____.	Relações de produção. Disponível	em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o .		
_____.	Revolução francesa. Disponível	em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa .		
_____.	Revolução Gloriosa. Disponível	em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa .		
_____.	Revolução Industrial. Disponível em	
https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution .		
_____.	Revolução de 1848 nos estados alemães. Disponível	em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es .		
_____.	Revolução russa de 1917. Disponível	em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917 .		
_____.	Revoluções de 1848. Disponível	em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848 .		
_____.	Segunda Revolução Industrial. Disponível	em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial .		
_____.	Socialismo. Disponível em	
https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo .		
_____.	Socialismo utópico. Disponível em	
https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico .		
_____.	Sociedade comunista. Disponível em	
https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista .		
_____.	Teoria da revolução permanente. Disponível	em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente .		
_____.	Teoria do desenvolvimento desigual e combinado. Disponível	em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado .		
_____.	Teoria do socialismo em um só país. Disponível	em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u%20m%C3%B3polis%20adica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin .		